

O Ensino na Real Armada Inglêsa

(Extraído de *British Services Education*, de
Cyril Lloyd)

A ARMADA Real jamais deixou de ocupar o pensamento do povo britânico tanto na paz como na guerra. Ainda mesmo numa era de utilização da energia atômica para fins bélicos, ainda se está por provar que o domínio dos mares não é essencial a nossa sobrevivência como nação livre!

A Armada surge, assim, como uma espécie de paradoxo, porque muito embora a tradição e os métodos tantas vezes postos a prova constituam o próprio sangue que a alimenta, a alta capacidade de previsão e a versatilidade são duas das características da Marinha de Guerra de S. Majestade Britânica. O progresso no campo dos explosivos de alto poder destruidor acarretou a construção dos navios couraçados e das armas automáticas de tiro muito rápido. A ameaça vinda do ar deu origem aos porta-aviões e a técnica do radar é hoje a própria essência da moderna ciência e da moderna arte de guerra naval.

Tôdas essas indicações da atual maneira de desempenhar velhas funções, maneira essa aliada à atitude que é de tolerância em tempos normais mas terrivelmente agressiva na luta, conquistaram para a Armada uma admiração sem par. Isto se reflete nos índices numéricos relativos ao recrutamento. Muito embora a Armada, — como todos os outros ramos das forças militares, — sofra os efeitos da redução do número de recrutas como sempre acontece depois de qualquer guerra importante, ela ainda pode, com toda confiança, contar com os engajados em suas fileiras para serviço contínuo e por períodos mais longos. Conseqüentemente, o Almirantado tem podido traçar os planos de educação e treinamento para o futuro mais calmamente do que os dois outros ramos das forças militares, sendo também em menor número e menos radicais as possíveis modificações no seu treinamento regular, a fim de atender às necessidades de um trabalho de menor vulto no serviço nacional.

Durante a última guerra, o ensino naval continuou a funcionar regularmente, apesar das crescentes exigências que lhe foram feitas pelas recentes inovações de tecnologia. Isto constituiu uma demonstração do papel fundamental que ele desempenha na formação de oficiais e subalternos

competentes, todos êles com qualificações especializadas. O espaço nos navios é severamente limitado, não se admitindo o transporte de passageiros; cada homem tem uma contribuição específica a prestar em benefício da eficiência do barco como máquina bélica. Este fato e a afirmativa tantas vezes repetida de que a instrução, como tôdas as outras atividades, deve ligar-se diretamente aos conhecimentos práticos, são questões fundamentais para uma perfeita compreensão das bases da organização do ensino naval. E' evidente, além disso, que o ritmo acelerado do progresso científico durante a guerra tornou o treinamento em matéria de teoria mais necessário hoje do que dantes. Nessa esfera do conhecimento fundamental, o ensino na Armada Real segue uma orientação própria a cargo de seu Ramo de Instrução, o qual se interessa principalmente pelo ensino dos oficiais e subordinados da parte teórica de seu trabalho profissional. Será por isso mais conveniente considerar aqui os vários navios e estabelecimentos em que servem os Oficiais Instrutores em vez de tentar fazer qualquer classificação rígida do ensino na Armada como técnico ou geral.

O Real Colégio Naval, em Portsmouth, ou seja, a escola pública da Marinha Britânica, é, com justiça, famoso como estabelecimento que prepara os futuros oficiais de marinha. Os cadetes navais recebiam a princípio seu treinamento a bordo de navios especialmente equipados para êsse fim; mas em 1903 preferiu-se ampliar o currículo nêle incluindo matérias e deveres que só poderiam ser ministrados ou cumpridos num estabelecimento situado no litoral e próximo de uma zona propícia à navegação. Dartmouth dá agora aos seus cadetes uma instrução geral assim como o necessário adestramento técnico. Sob a supervisão de um Diretor, professores civis, portadores de diplomas universitários, ensinam ciência, matemática, línguas modernas, história e inglês, lado a lado com seus colegas, oficiais da Armada que tratam das coisas, costumes e técnicas ligados ao mar. Os clássicos não encontram lugar no currículo da Academia de Dartmouth e o tempo usualmente exigido para a aquisição de conhecimentos nesse campo numa escola comum é aí dedicado aos problemas de náutica, à navegação

e à engenharia. A responsabilidade por esses três setores do ensino naval cabe aos oficiais dos ramos Executivo, Instrutor e de Engenharia respectivamente. Um notável elemento que diferencia os dias de hoje daqueles em que os cadetes navais recebiam pouco mais do que um limitado treinamento profissional a bordo, é o incentivo para que estudem, permitindo-se que os melhores alunos do último ano do curso escolham as ciências ou as letras em que se desejam aperfeiçoar. O incentivo aqui citado é promovido conferindo-se ao estudante o grau de bacharel em ciências e letras, tendo-se firmado acordos com várias universidades para que dispensem dos seus exames de admissão os aprovados com notas altas nas provas finais de Dartmouth.

Em matéria de disciplina a Armada Real aperfeiçoou uma norma que não encontra correspondente nos dois outros ramos das forças militares. As relações entre o oficial e o respectivo subordinado na marinha resistiram à prova do tempo e as últimas grandes guerras só em muito pouco as modificaram. A tripulação de um navio forma, de certo modo, uma comunidade singular. Um soldado do exército ou da aeronáutica pode abandonar o quartel depois do serviço, procurar novas companhias e desfrutar os benefícios de uma fuga às exigências da rotina. O marinheiro a bordo não encontra essa facilidade para aliviar-se, mantendo constantemente íntimas ligações com seus companheiros num ambiente de convivência necessariamente limitado. Nessas circunstâncias, o marinheiro anseia pelo retraimento, podendo por isso abater-se o seu moral, a não ser que cada homem procure aprender a ser tolerante e reconhecer os direitos de seus camaradas de rancho. Um código de disciplina adequado a essa comunidade não é produto do trabalho de um dia nem sua manutenção tarefa de um novinho que não possua o necessário conhecimento da arte de chefia. A Armada leva em conta esses fatos no processo de treinamento que ministra a seus oficiais. Dartmouth não só ensina matemática, línguas ou ciências como também infunde em seus alunos o sentimento de autoconfiança e o espírito de iniciativa, preparando-os também para a direção de homens. Num regime de "vida em família", sob as ordens de oficiais de linha, cadetes aprendem a viver como membros de uma sociedade muito bem disciplinada, assumindo, um de cada vez, certa autoridade e responsabilidade no seio do grupo e aprendendo todos eles a obedecer o comando desses chefes. Assim, o sentido de disciplina e a norma de conduta na Armada são transmitidos aos cadetes durante todo o período de treinamento de modo que estes, ao chegarem à época dos Cruzeiros de Instrução, já estejam perfeitamente versados nas tradições e costumes do Serviço em que ingressaram. Nos cruzeiros, já em companhia dos cadetes que serviram, por um período apenas, em Dartmouth, vindos diretamente das escolas secundárias, eles se submetem a um treinamento em assuntos técnicos e profissionais. Os Oficiais

Instrutores embarcam no navio-escola para nele continuarem ministrando instrução teórica e prática em matéria de navegação, matemática aplicada e construção elementar de navios. Ao fim de oito meses vem para os cadetes a promoção a guarda-marinha, passando então a servirem por um período de 16 meses num dos barcos da Armada que se fazem ao mar, ocasião em que passam a receber novas instruções sobre navegação ministradas pelos Oficiais Instrutores.

O Colégio Naval Real em Greenwich ministra instrução de nível superior, em todos os campos de estudo teórico e científico que influam na atividade naval, estudos esses que se processam sob a orientação de civis e militares especialmente ligados ao Almirantado. O trabalho é, principalmente, de nível avançado em matéria de artilharia, navegação e arquitetura naval. Muito embora a tendência seja definitivamente científica (como deve ser, aliás, para que atenda às exigências da Armada) ministra-se aos oficiais aspirantes que regressam de sua viagem de instrução como guardas-marinhas, uma instrução geral e um curso especial de guerra. Este curso (no qual não há exigência de exame) além de rever e suplementar o conhecimento matemático e científico do jovem oficial, visa ampliar sua capacidade mental e o ensina a pensar e a expressar-se com clareza. O quadro de pessoal do Colégio é constituído pelos Oficiais Instrutores e pelos professores civis. Navegação, arquitetura naval, matemática, mecânica aplicada, ciência, história e línguas são as principais disciplinas, cada uma delas sob a responsabilidade de um professor nomeado pelo Almirantado. O Deão (um Instrutor antigo) é também Diretor de Ensino e Presidente do Conselho e, como tal, planeja os cursos para as várias categorias de oficial.

Todos os Oficiais Engenheiros da Armada Real recebem seu treinamento profissional básico no Real Colégio de Engenharia da Armada (Manadon), recentemente transferido de Keyham, perto de Davenport. O ensino de matérias de conhecimentos gerais é limitado pela natureza especializada do curso; mas economia, inglês e outras línguas têm seu lugar num currículo que é principalmente dedicado à matemática, à ciência, à teoria e à prática do campo da engenharia. Esses estudos e o trabalho prático com eles relacionados (e que são executados nas oficinas) têm a duração de dois anos e, mais tarde, depois de um curto tempo no mar, ministra-se um outro curso especializado de um ano sobre náutica, aeronáutica e armamento, de acordo com a especialização do oficial.

Em Manadon, o quadro é constituído pelos Oficiais Engenheiros e Instrutores mas alguns especialistas civis também são ali empregados. Neste, como em outros estabelecimentos, os Oficiais Instrutores que fazem parte do quadro alternam seus turnos de serviço em terra com os de serviço a bordo, garantindo assim que a continuidade e a experiência na frota estejam sempre

intimamente relacionadas com a instrução teórica ministrada em terra. O sistema de supervisão constante do aluno pelo mestre é o adotado no Colégio e o padrão ali alcançado é o que corresponde ao grau de Doutor em Ciência (engenheiro). Aprende-se aí tanto engenharia aplicada como planejamento de produção e reparos.

Nos três estabelecimentos e no Cruzeiro de Instrução já descritos, a Armada prepara a maioria de seus oficiais. Para lograrem aprovação em tôdas as séries os candidatos devem possuir alto nível de capacidade intelectual e ser competentes no trabalho prático que constitui parte de todos os cursos. Os currículos são compreensivos mas eminentemente científicos e técnicos e o jovem que passa tanto por Greenwich como por Manadon recebe uma instrução que corresponde, com vantagens, a do curso universitário. Os mesmos altos padrões de treinamento são também oferecidos aos mais jovens selecionados como possíveis oficiais dentre os integrantes das fileiras de inferiores. Mais de vinte e cinco por cento dos oficiais na Armada Real vêm desse grupo. Oferecem-se aos candidatos à classe de oficiais de linha, de oficiais de Engenharia e Abastecimento e do Corpo de Fuzileiros Reais facilidades especiais no *Upper Yardmen's College*, em Exbury (H. M. S. Hawke), para que atinjam o necessário nível educacional, cultural e profissional exigido para o posto de subtenente antes de ingressarem no grupo dos jovens oficiais do Real Colégio Naval de Greenwich. No H.M.S. Hawke, os Oficiais Instrutores dão aulas de navegação, matemática, ciências, inglês, história, geografia e outras matérias de conhecimentos gerais.

Desde velhos tempos a Armada procura, com inteligência, recrutar para suas fileiras rapazes de cerca de dezesseis anos de idade. Poucos são os que discutem a sabedoria desse plano porque a história o tem justificado plenamente, sugerindo as atuais tendências que a necessidade de um treinamento longo e completo ainda é considerada importante. Muito embora o recrutamento baseado nesse esquema fôsse muito reduzido durante a guerra, o número de jovens que ingressaram nos estabelecimentos de preparação de pessoal para a Armada Real aumentou com o advento da paz. Dois desses estabelecimentos instruem os jovens que ingressam nos quadros de pessoal de navegação e comunicações: no H.M.S. Ganges, em Shotby, e no H.M.S. St. Vincent, em Gosport. No primeiro ano, os rapazes permanecem em terra, acostumando-se com as normas da Armada e recebendo instrução tanto escolar como profissional. Durante esse período, seu progresso é cuidadosamente observado e os mais brilhantes são incentivados a se esforçarem para que obtenham pronto acesso no serviço. Todos os rapazes são instruídos em matéria de manejo de barcos e em natação; há, além disso, amplas facilidades esportivas e um curso de educação física, o que promove o equilíbrio físico e mental do indivíduo. E' por meio dessas atividades que as qualidades de chefia se desenvolvem.

Todos os rapazes na Armada esperam ansiosamente que chegue o seu primeiro dia no mar, num navio de guerra. Essa oportunidade se apresenta depois de 10 meses de estadia no estabelecimento de ensino. No correr dessa segunda fase, isto é, dessa estadia no mar, ministram-se outras instruções a mais aos rapazes da classe avançada, instrução essa relativa às técnicas peculiares a cada setor. Isto é feito na *Boys Training Destroyer Flotilla* e ao atingir a idade de dezoito anos o jovem marinheiro toma o seu lugar nas unidades comuns da Frota Britânica. Daí em diante ele passa a servir como praça da marinha por um período que vai de sete a doze anos, depois do qual ainda pode reengajar-se, visando então conquistar o direito a uma pensão quando completar vinte e dois anos de serviço. Se fôr eficiente, obterá certamente promoção ao posto de sub-oficial, podendo até alcançar o quadro de oficiais comissionados. Durante todo o seu tempo de serviço, lhe é dado verificar que depende de sua própria capacidade o respectivo sucesso na Armada. A Marinha inglesa mantém ciosamente seus padrões no que diz respeito a promoções e por meio de um sistema de provas verifica-se se o candidato a postos mais elevados está educacional e profissionalmente em condições de exercê-los.

Os músicos e corneteiros ingressam com a idade de 14 anos na *Royal Naval School of Music*. Aí, além do ensino musical, continuam a receber instrução geral e, eventualmente, embarcam como membros das bandas de Fuzileiros Reais. A organização do estabelecimento citado aproxima-se muito da que têm as modernas escolas secundárias. Normalmente, ensina-se a cada músico a tocar dois instrumentos, premiando-se suas aptidões com promoções dentro do quadro do pessoal não comissionado. O acesso ao posto de Mestre de Banda é naturalmente mais difícil mas está franquiado a todos os que revelam notável capacidade. A instrução geral ministrada na escola é completa e foi mesmo aprovada pelo Ministro da Educação como sendo realmente adequada para rapazes até a idade de quinze anos.

Os Aprendizes Artífices são selecionados por concurso cujo nível se aproxima do exigido para obtenção de certificado de curso primário. Alguns são portadores de certificado de conclusão desse curso mas os restantes atingem um nível de instrução equivalente, depois de admitidos. Um curso básico de dezesseis meses (segundo os planos estabelecidos para uma boa escola técnica) é ministrado a todos os aprendizes no H.M.S. *Fisgard*, em Davenport, antes de serem distribuídos pelos vários ofícios. A instrução teórica está intimamente ligada à prática fundamental ministrada nas oficinas anexas ao estabelecimento. O treinamento final, destinado a completar um curso de quatro anos de duração, é ministrado aos aprendizes de máquinas, armas e construção naval no H.M.S. *Caledonia*, aos aprendizes em máquinas de avião em Asbroath e aos aprendizes eletricitas no H.M.S. *Collingwood*. Nesses estabelecimentos

a instrução prática e a teórica prosseguem lado a lado e abrangem tudo o que diz respeito à maquinaria e ao equipamento pelo qual o aprendiz mais tarde será responsável. Grande número de Oficiais Instrutores fazem parte do quadro de pessoal desses estabelecimentos. Eles têm a seu cargo a maior parte do ensino técnico e também da instrução técnica. Seu trabalho em matéria de ensino técnico continua a ampliar-se porque se reconhece que nesse particular sua experiência no magistério e seus conhecimentos dos métodos de instrução é não raro de mais valor do que a maior experiência dos oficiais especializados de cada setor.

A preparação para os muitos ramos especializados da Armada Real é tarefa para um grande número de estabelecimentos técnicos cujos cursos variam consideravelmente, tanto em extensão quanto em natureza, cursos esses que são ministrados tanto aos oficiais como às praças. Não se pretende considerar detalhadamente aqui a forma de treinamento posta em prática mas, sim, os aperfeiçoamentos introduzidos nos setores da aviação, do radar, das armas, navios, submarinos e transportes durante e depois da guerra, aperfeiçoamentos esses que acarretaram um crescente aumento tanto do número como da variedade desses cursos. Oficiais e praças especializados são responsáveis pela aplicação, na prática, das teorias que lhes são ensinadas pelos professores do Ramo Instrutor. Cada um, no entanto, deve conhecer o trabalho do outro e desde que o nível de capacidade exigido pelos estudantes é, em alguns casos, extremamente elevado, os instrutores são forçados a se especializar num determinado setor do respectivo campo de conhecimentos. Em todos os casos, quer em balística, ou torpedo, quer em guerra anti-submarina, navegação ou aviação naval, a instrução é cuidadosamente planejada de modo a atender às necessidades do trabalho técnico a que está ligada. É significativo o fato de que os oficiais que trabalham nesses estabelecimentos são, de vez em quando, obrigados a elaborar manuais técnicos padrão que são editados pelo Almirantado.

Até aqui neste ligeiro estudo limitou-se a descrever a organização do ensino nos estabelecimentos de terra. É nos colégios e escolas que começa o moderno programa de ensino naval e é nesses estabelecimentos que seus objetivos podem ser de melhor modo apreciados, mas este estudo estaria longe de ser completo se não fosse nele mencionado o plano de ensino cumprido nos navios.

Nestes, os Oficiais Instrutores tomam lugar ao lado dos demais oficiais e não só são responsáveis pelos trabalhos que interessam às respectivas especialidades na organização bélica do navio como pela atividade de ensino geral a bordo, empenhando-se usualmente nas tarefas de levantamento e planejamento por cujo intermédio o comando se mantém ciente das disposições em vigor em todos os navios e em toda a esquadra.

A maioria dos Oficiais Instrutores são também conhecedores de meteorologia e muito embora nos porta-aviões haja sempre, em caráter permanente, um Oficial Instrutor meteorologista, em outros barcos essa atividade especializada constitui uma obrigação extra de um dos oficiais. A bordo, as condições para um ensino formal de qualquer matéria são sempre árduas. Somente nos vasos maiores é possível conseguir-se espaço para salas de aula e mesmo assim estas acomodações podem ter que servir de sala de informações, biblioteca, oficina mecânica ou mesmo capela, isto em caráter temporário. O Oficial Instrutor, no entanto, está habituado a essas situações, muito embora no navio-escola e no Esquadrão de Navios de Treinamento (em que os aprendizes marinheiros já adultos recebem sua instrução inicial no mar) as acomodações escolares sejam mais permanentes. Um ou dois Oficiais Instrutores fazem parte da tripulação dos grandes vasos, exceto dos transportes. No caso dos destróieres só um desses oficiais pode ser pôsto à disposição de cada flotilha. Normalmente, o dia de trabalho desses oficiais é totalmente ocupado em atividades de instrução ministrada aos guardas-marinhas e aos rapazes cujo nível de instrução, antes de ingressarem na Armada, era apenas o compreendido naquela parte compulsória de preparo do indivíduo ou dedicado à organização de outras atividades educacionais. Não obstante, volume considerável de instrução subsidiária é ministrado fora das horas de serviço, sendo esse método considerado até normal antes da guerra. Estimula-se de todos os modos os subalternos a se aproveitarem das facilidades oferecidas pelos Oficiais Instrutores no sentido de se prepararem para as provas exigidas para fins de promoção, para melhorar sua cultura ou seus conhecimentos ou para que possam dedicar-se a uma ocupação favorita qualquer. A instrução em matéria de conhecimentos comuns faz parte do ensino geral ministrado à tripulação e é compulsória enquanto o permitirem as circunstâncias. Para assistir aos Oficiais Instrutores, especialmente na esfera de aperfeiçoamento, é admitido na Armada Real pessoal subordinado suficientemente qualificado. Suas obrigações são várias. Os componentes desse grupo podem, de acordo com seus conhecimentos e habilidades, prestar auxílio na preparação dos inferiores para as provas mais elementares pertinentes ao treinamento da Marinha, especialmente no ensino de línguas e aperfeiçoamento de aptidões neste ou naquele ofício ou arte e também no sentido de verificar se as salas destinadas às aulas são mantidas em condições e se são atraentes.

A quantidade de assunto de que pode incumbir-se o Oficial Instrutor é considerável, indo mesmo desde os de arte até a mecânica. Além disso, ele deve estar sempre pronto a desempenhar o papel de conselheiro especializado para seu comandante. O que não se deve alijar da mente, porém, é o fato de que a vida em comum em um navio com sua norma de contatos pessoais

constantes já é, por si mesma, educativa, independentemente das "regras" formais de educação, resultantes dos costumes da vida civil. As lições em matéria da arte de viver, aprendidas por todos os membros da tripulação de um barco, durante uma rigorosa viagem de instrução, só podem ser de grande utilidade para o indivíduo. Além disso, o marinheiro fica conhecendo o mundo e não raro desempenha uma importante parte nos acontecimentos de que é palco o navio. Ele se transforma num auxiliar por excelência, isto é, num auxiliar que serve para tudo e na vida de nossa ilha o marinheiro experiente é por todos considerado com respeito como se personificasse o símbolo de um povo alerta e bem informado, dotado além disso de um salutar bom humor. Nos estabelecimentos litorâneos a organização do ensino, exceto o treinamento em matéria de serviço, é naturalmente muito mais simples. O espaço tão limitado num navio, é, em terra, geralmente amplo e a Marinha, como os demais ramos das forças armadas, pode dispor da assistência das autoridades civis. Publicações e conferências sobre uma grande variedade de assuntos, aulas de línguas estrangeiras, de música e de ofícios, são algumas das atividades que podem ser encontradas com mais freqüência nos estabelecimentos de terra, muito embora também sejam comuns no mar. Os artistas amadores também encontram sempre o seu lugar na vida da Armada e com o objetivo de melhorar a qualidade de suas obras e de sua interpretação teatral, estimula-se a realização de recitais e ensaios. Nas bases situadas nas Ilhas Britânicas, os festivais dramáticos (que terminam com um concurso nos palcos de Londres) induzem muitos homens e mulheres a ocupar suas horas de folga no excitante trabalho de escrever peças e de praticar a interpretação. Muito embora não haja nos navios de S. Majestade registro como o de um *East Indiaman*, em 1607, segundo o qual "*Hamlet*" foi encenado a meu bordo..." a fim de evitar que meu pessoal se entregasse à ociosidade, aos jogos ilícitos e ao sono", não há dúvida de que o teatro foi introduzido na Frota Real numa época assaz remota.

Hoje, reconhece-se perfeitamente que a língua e a literatura inglesas desempenham um papel vital na instrução (mesmo na que é predominantemente técnica) como a requerida pela Armada Real. Assim também as várias ocupações particulares favoritas do pessoal da Marinha — desde o aeromodelismo até o "jogo" com pinha de anel e tapêtes multicoloridos, tão caros ao coração da maioria, dos marujos — todos ocupam sua posição nesse amplo plano de ensino de nossos dias. Onde não pode haver um Oficial Instrutor (como em alguns navios de menor porte) um dos oficiais da tripulação o substitui. Compete-lhe nesse caso supervisionar o estudo em que se empenha espontaneamente o marinheiro. Um voluntário dentre os membros da tripulação encarrega-se do trabalho de Mestre (pelo qual recebe uma pequena gratificação) e

presta sua assistência aos inferiores no sentido de se prepararem para a promoção mediante prova ou outro meio qualquer. Nestas condições, os Cursos por Correspondência representam uma forma de assistência prestada pela Armada e a constante afluência aos mesmos mostra o valor que lhes dão os marujos. A quantidade de matérias que eles abrangem é realmente considerável de modo a atender a maior parte das exigências, quer derivem de interesses puramente pessoais, quer de um desejo de aumentar as possibilidades de promoção. De especial interesse são os cursos por correspondência ministrados por Oficiais Instrutores, na *Electrical School*, a oficiais e subordinados que servem no mar e que pretendem conquistar os diplomas intermediários ou finais conferidos pelos *City and Guilds Electrical Engineering and Telecommunications Examinations*. Por meio desses cursos, uma alta percentagem de pessoas que anseiam pelas respectivas promoções consegue os indispensáveis diplomas que são reconhecidos tanto na Marinha como fora dela. Estimula-se também o indivíduo a realizar tôda a sorte de estudos em caráter particular; com esse propósito, um excelente sistema de biblioteca mantém em todos os navios serviços de referências e cada pôrto na Inglaterra ou base no exterior possui a sua com cerca de mais de seis mil volumes para empréstimos. Filmes, ferramentas, material de trabalho, toca-discos e discos são fornecidos em proporções realmente generosas e os Oficiais Instrutores e Mestres estão sempre prontos a criar ou a improvisar meios que atendam às necessidades dos marinheiros, visando com isso promover a elevação de seu nível de instrução geral. O recrutamento seletivo significa, em primeiro lugar, que o indivíduo que ingressa na Armada já atingiu um nível apreciável de preparo intelectual e que pode assimilar o conhecimento especializado que tenha relação com as suas obrigações. O sistema de ensino na Armada lhe indica então o rumo a seguir e o estimula a seguir o caminho que leva ao êxito na respectiva carreira.

Além das oportunidades de aperfeiçoamento que se oferecem aos oficiais e praças durante todo o tempo em que servem na Armada, tem-se o especial cuidado de criar meios pelos quais possam dispor, ao se aproximar o fim do tempo de engajamento, de cursos destinados a melhorar suas perspectivas de obtenção de um emprego no mundo civil. Em Portsmouth, Devenport e Chatham existem *Educational and Vocational Training Centres* em que são ensinados os ofícios mais populares como os de carpinteiro, funileiro, sapateiro, etc. Outros cursos foram instituídos como o de conversão dos conhecimentos em matéria de eletricidade obtidos para fins navais em conhecimentos sobre a mesma matéria mas para aplicação no meio civil, permitindo-se com isso que a técnica adquirida na Armada seja ajustada para que atenda às necessidades do exercício da atividade fora da instituição militar.

Para os assuntos mais teóricos como a contabilidade, a seleção pode ser feita por meio de uma grande variedade de cursos por correspondência, a preços baixos tanto para o oficial como para o subordinado interessado.

Há muito que se reconheceu ser importante o fato de que os instrutores — subordinados ou oficiais — muito embora especializados, devem beneficiar-se com o estudo dos princípios da boa instrução; em 1943, foram inaugurados nos mais importantes estabelecimentos de ensino naval cursos regulares de técnica de ensino. Esses cursos são administrados pelo *Education Department* do Almirantado e por causa de seu preparo e de sua experiência profissionais os oficiais em exercício são Oficiais Instrutores assistidos por Sub-Oficiais especializados. Esses cursos ocupam agora um lugar permanente no ensino naval e todos os Oficiais e Subordinados Instrutores recebem o seu treinamento em matéria de técnica de ensino como parte normal de seu preparo profissional. Cada curso não só compreende os princípios gerais de ensino como também os métodos que são aplicáveis a cada disciplina. São ministrados, além disso, cursos regulares nas escolas de armas, eletricidade, sinalização, guerra anti-submarina e aviação naval. Outros de uma natureza mais geral são mantidos nos três principais centros (depósitos) conjugados com os *Petty Officers Leadership Courses*. Ainda outros são ministrados, de vez em quando, nas Escolas de Navegação e de Submarinos. Em algumas dessas, a produção de material de ensino, inclusive filmes instrutivos e material para filmagem, faz parte das obrigações dos oficiais encarregados do curso. Solicita-se regularmente seus conselhos relativamente aos métodos de aperfeiçoamento das normas de instrução e a organização do ensino técnico.

Desde 1843 que o Almirantado se fez pioneiro no campo do ensino técnico, criando escolas nos estaleiros das Ilhas Britânicas a fim de instituir e manter um sistema de ensino de horário não integral por cujo intermédio os homens que trabalham nos estaleiros podem aperfeiçoar suas aptidões e melhorar sua posição. Esse sistema foi mais tarde ampliado, estendendo-se aos estaleiros situados fora da Inglaterra. Os estabelecimentos que o integram hoje ministram instrução aos aprendizes civis, parte nas horas de trabalho, parte fora delas, em matemática e em mecânica. Os cursos duram dois, três ou quatro anos e abrangem tanto a teoria, como o trabalho de laboratório e a prática nos estaleiros. Há um processo drástico de eliminação no final do segundo ou do terceiro ano e somente os aprendizes mais inteligentes e aplicados completam o quarto ano, podendo então aproveitar integralmente as vantagens das oportunidades oferecidas pelas outras carreiras. Alguns passam à categoria de cadete, ingressando nos *Royal Corps of Naval Constructors* e outros conseguem matrícula gratuita em Whitworth ou outros estabelecimentos, o que lhes permite ingressar nas universidades inglesas

e completar sua instrução. Esses homens eventualmente atingem os mais altos postos em suas carreiras a serviço do Almirantado ou no mundo civil. O pessoal das Escolas dos Estaleiros consiste de especialistas civis possuidores de altas qualificações técnicas e experiência do magistério. São assistidos, nas classes inferiores, por técnicos dos departamentos do estaleiro respectivo, técnicos esses que trabalham em regime de horário parcial. Por isso, é pronunciado o aspecto prático de toda a instrução aí ministrada. O mesmo acontece com as escolas desse tipo situadas fora da Inglaterra, muito embora nessas o pessoal permanente seja constituído de Oficiais Instrutores.

Antes da guerra o ensino dos filhos dos oficiais e praças da marinha no exterior era problema de menor importância desde que os homens raramente se faziam acompanhar de suas famílias quando iam para as bases navais no estrangeiro e, nestas as oportunidades de contato com o ar eram poucas e com grandes intervalos entre uma e outra visita. Tanto em Malta como em Bermuda, no entanto, existiam escolas anexas às instituições dos aprendizes que trabalhavam nos estaleiros. Com a guerra, o Almirantado empreendeu criar, nas bases ultramarinas, facilidades educacionais para os filhos dos homens da marinha e dos estabelecimentos de construção naval, notando-se desde então crescente disposição das famílias dos marinheiros britânicos para se transferirem para o exterior, principalmente agora, que criaram os aquartelamentos para os militares casados. A *Royal Naval School* em Malta está instalada em novos prédios construídos na ilha. Ela ministra, entre suas paredes, uma instrução que é do nível das escolas secundárias e mantém cursos para os que se preparam para a obtenção do grau universitário. Seu corpo docente de setecentos alunos será em breve aumentado com a admissão dos que fazem parte de uma grande lista de candidatos ao ingresso no estabelecimento, logo que suas acomodações estiverem livres. Em Bermuda, as velhas instalações estão superlotadas e o excedente de candidatos admitidos no estabelecimento que aí existe é instalado nas escolas de armas de Hamilton. Em Gibraltar, a nova *Dockyard and Technical School* ministra instrução de caráter geral aos aprendizes e aos rapazes que trabalham como operários nos estaleiros e arsenais, também servindo essa instituição de escola técnica secundária no sistema educacional civil, além de atender às necessidades de instrução dos filhos dos homens da Armada Real. A escola é uma instituição especialmente interessante, pelo menos na parte administrada pelo *Flag Officer*, de Gibraltar, em colaboração com o Diretor Civil da Educação local. Há também escolas para as crianças da marinha em Singapura e em Tricomatee, escolas essas que se estão ampliando cada vez mais.

As provas de seleção constituem uma feição importante do treinamento na marinha, tanto no

que respeita aos oficiais como aos subordinados, pois elas asseguram padrões adequados para a admissão, e servem de instrumento destinado a verificar se foram satisfatoriamente aproveitados os cursos de preparação. Muito contribuem, além disso, para facilitar a promoção no serviço. Exceto os exames realizados para as admissões especiais e para o ingresso de aprendizes nos estaleiros, todos os que se alistam na Armada o fazem mediante provas planejadas pelo Departamento de Educação do Almirantado. Entre as provas finais dos vários cursos de preparação organizadas por esse Almirantado, estão as destinadas à admissão aos cursos de construtores e aos cursos avançados de eletricidade, engenharia e aprendizagem em estaleiros e também as provas finais do *Royal Naval Engineering College*, em Manadon, do *Royal Naval College*, em Dartmouth, de aprendizes artífices, em suas 4 séries e, no nível inferior as dos exames para rapazes que deixam os estabelecimentos de ensino. A classificação nessas provas vai desde a aprovação com louvor até a reprovação. As provas realizadas pelo Almirantado para efeito de promoção e levadas a efeito nos barcos da Frota, devem ter a sua ocasião e tempo de duração devidamente marcados de modo a se conformarem com a movimentação das esquadras. A prova mais comum é a chamada *Educational Test I* de que constam provas de inglês e aritmética e que serve para qualificar o aprovado para a promoção à classe principal em todos os setores.

O temporário abandono dessas provas durante a guerra teve por resultado o grande aumento do número de candidatos às mesmas depois do conflito. A aprovação no *Educational Test II* permite aos rapazes uma promoção mais rápida à classe ordinária. De padrão imediatamente superior é o *Higher Educational Test*. Esta prova compreende um grande número de matérias (inglês, navegação, matemática, mecânica, eletricidade, conhecimentos gerais, história, geografia). O nível dessa prova é o do curso de admissão e a classificação na mesma é indispensável para o ingresso na classe dos comissionados ou para certos tipos de promoção à *Branch List* (originalmente *Warrant Officers List*). O Departamento de Educação do Almirantado supervisiona ao mesmo tempo 170 diferentes exames, havendo outros pelos quais são responsáveis os *Flag Officers*, sendo os *Instructors Officers* os examinadores, cada um em seu ramo.

Durante os anos de guerra, a instrução no *Women Royal Naval Service* era da responsabilidade de seu comandante; mas hoje, essa responsabilidade cabe ao Diretor do Departamento de Educação do Almirantado. O W.R.N.S. só

aceita moças de nível de instrução relativamente elevado, havendo por isso pouca razão para ministrar-se às mesmas ensino básico. A instrução técnica é ministrada nos estabelecimentos normais e, conforme é de esperar-se, as disciplinas de caráter cultural merecem mais atenção no plano de ensino dessas moças. O trabalho é quase inteiramente voluntário, reservando-se tempo, porém, nos horários de expediente, para a aquisição de conhecimentos práticos próprios do setor de atividade. No que é possível, a instrução de caráter geral das moças do W.R.N.S. é de certo modo idêntica à ministrada aos homens; mas as exigências de instrução mais elevadas para as mulheres são atendidas com o aproveitamento das respectivas horas de quarto em atividades de estudos.

Um pequeno número de elementos do W.R.N.S. qualificado para ensinar certas matérias comuns, também se encarregam do ensino de atividades manuais, costura, trabalhos de agulha e cozinha. O ensino dos serviços domésticos, assunto próprio de especialistas é ministrado em vagões providos de fogão, máquinas de lavar, geladeiras, etc. Essas unidades completas podem acampar em qualquer pôsto aéreo, isolado ou base naval e aí ministrar instrução às moças do W.R.N.S. A nenhuma jovem faltará conhecimento da arte de ser dona de casa com essas facilidades levadas ao seu próprio quartel.

Antes de concluir essa exposição sobre o sistema de ensino na marinha britânica, deve-se mencionar os meios de instrução previstos para os Fuzileiros Reais. Muito embora a princípio os fuzileiros tivessem os seus próprios programas exclusivos, hoje os oficiais instrutores assumiram as responsabilidades pelo seu aperfeiçoamento e lhes ministram o ensino similar ao ministrado ao resto do pessoal da Marinha de S. Majestade. Além do ensino técnico em artilharia, os Fuzileiros Reais têm oportunidades de fazer cursos gerais, os quais, se o desejam, os auxiliarão a obter os necessários diplomas, que os qualificam para a promoção. Há também meios destinados ao ensino de ofícios, música, artes. De fato, tôdas as facilidades de instrução oferecidas aos marinheiros, o são também hoje aos Fuzileiros.

Concluindo esse modesto resumo do ensino na Marinha Britânica, deve-se pôr em evidência o fato de que nos outros ramos das forças armadas não encontramos uma instrução tão altamente integrada no plano de aperfeiçoamento. Além disso, podemos dizer que o ensino em nenhum desses ramos, inclusive na Força Aérea, ultrapassa o da Marinha em matéria de eficiência.